

A contribuição dos imigrantes em áreas de desconcentração demográfica do Brasil contemporâneo*

Ralfo Matos**

Esse trabalho analisa a inserção ocupacional de migrantes e não-migrantes em áreas que fazem parte da rede urbana brasileira, utilizando-se de evidências empíricas retiradas de Censos Demográficos. O debate sobre a urbanização recente do país, a problemática dos desequilíbrios regionais e a dinâmica de redistribuição da população no espaço é focalizado juntamente com a discussão sobre a desconcentração econômica e demográfica do Brasil contemporâneo. Como contribuição ao debate, estuda-se a qualificação dos trabalhadores ocupados em 1991, a fim de comprovar duas hipóteses: a) a de que os migrantes, de um modo geral, atuam positivamente em segmentos do mercado de trabalho de microrregiões importantes que participam do recente processo de desconcentração espacial; b) a de que os migrantes procedentes de São Paulo e Rio de Janeiro são significativamente mais experientes para o trabalho urbano e mais instruídos que os demais trabalhadores migrantes, representando um vetor de dinamização dos mercados de trabalho locais da rede de cidades.

Introdução

Esse trabalho pretende discutir, à luz de algumas evidências empíricas, as formas de inserção ocupacional de migrantes e não-migrantes em áreas que têm dado suporte ao processo de desconcentração econômica e demográfica do Brasil contemporâneo. Tais formas envolvem a condição mais ou menos qualificada dos ocupados e a adaptação em mercados de trabalho dos centros urbanos integrantes da rede de cidades do país. A reflexão introduz parte do debate sobre a urbanização recente do país e expõe os migrantes como protagonistas centrais na dinâmica de redistribuição da população no espaço, particularmente aqueles que saíram das grandes metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro.

De fato, as migrações internas e o processo de urbanização têm sido fatores-chaves na redistribuição da população no espaço há várias décadas. Martine et al (1990) não deixa dúvidas sobre o

dinamismo da urbanização resultante das altas taxas de crescimento vegetativo da própria população urbana e da impressionante contribuição das migrações internas de tipo campo-cidade.

Entre 1960 e 1980 houve uma redução do ritmo de urbanização, de 5,2% ao ano entre 1960/70 para 4,4% na década de 70, não obstante o incremento de quase 50 milhões de pessoas nas áreas urbanas, a migração campo-cidade respondeu por cerca de 28 milhões de pessoas. O êxodo rural representou portanto algo próximo de 57% do crescimento urbano no período (Martine et al, 1990).

Os indicadores de urbanização do país traduzem parte desse processo. Examinando o grau de urbanização no país entre 1940 e 1996, constata-se que evoluiu de 31,2% da população residindo em domicílios urbanos em 1940, para 44,7% em 1960; 67,6% em 1980; 75,6% em 1991

* Esse trabalho utiliza-se de parte de uma pesquisa maior apoiada pelo CNPq.

** Professor do Departamento de Geografia – IGC/UFMG, doutor em Demografia pelo CEDEPLAR/UFMG.

e 78,4% em 1996. O ritmo de crescimento que esse indicador exprime mostra claramente a aceleração do processo de urbanização nas décadas de 50 e 60. Em face dessa tendência, não causa surpresa constatar que, em 1970, os municípios com população superior a 100 mil habitantes chegavam a 70, enquanto em 1991, apenas 21 anos depois, esse número chegou a 185.

Assim, desde os anos 70, as migrações internas deixam de ser majoritariamente de tipo campo-cidade. Parece evidente que os movimentos de tipo urbano-urbano tendem a expressar diferenças marcantes na configuração dos mercados em expansão. A análise dos impactos derivados destes novos fluxos migratórios é uma tarefa que deve ser empreendida tendo em conta os prováveis diferenciais que o trabalhador migrante de origem rural ostenta comparativamente ao trabalhador migrante de procedência urbana. Este último provavelmente mais experiente, mais informado e/ou mais preparado para o emprego.¹

Redistribuição populacional e movimentos migratórios

O planejamento regional, desde suas origens, sempre se preocupou com os desequilíbrios econômico-espaciais. No Brasil, as ações governamentais se multiplicaram a partir de fins dos anos 50, com a fundação da SUDENE, acopladas a outras iniciativas voltadas à descompressão espacial, sobretudo durante os anos 60 e 70 (Franciscone e Souza, 1976).

Posteriormente, trabalhos como os de Goldstein (1976), Richardson (1980), Katzman (1986), Redwood (1988), entre outros, procuravam analisar a emergência de novos padrões de redistribuição das atividades e da população no espaço, na direção do que passou a ser denominado reversão da polarização ou despolarização.

Surgiam fortes evidências sobre a existência de uma relativa desconcentração espacial a partir dos anos 70, especialmente em São Paulo, como mostravam os autores anteriormente citados, não obstante as discordâncias sobre o grau de generalidade desse processo.²

Conquanto sejam importantes as objeções ressaltadas pelos críticos, já se pode demonstrar que certos investimentos econômicos têm evitado determinadas áreas do Sudeste, e isto efetivamente significa que o processo de desconcentração espacial avança no Brasil, ainda que de forma pouco visível, dado o pouco tempo do fenômeno.

Até 1980 os indicadores de concentração da urbanização no Sudeste impressionavam e os sinais de alteração desse quadro se mostravam pouco plausíveis. Faria (1983) observa que as 14 áreas urbanas com mais de 500 mil habitantes em 1980 localizavam-se no Sudeste e internalizavam cerca de 1/3 da população brasileira, testemunhando um perfil de desenvolvimento heterogêneo e desequilibrado.

É indiscutível que boa parte da expansão da urbanização nacional nas últimas décadas deriva dos efeitos multiplicadores de “espraiamento” originários da histórica concentração urbano-industrial no Sudeste, onde, afinal, localizavam-se quase metade dos centros urbanos em 1980.

O espraiamento industrial estimulou o adensamento da rede urbana brasileira e os vínculos de interdependência e complementaridade entre cidades estratégicas postadas nas diferentes partes do sistema. Tais pontos conferem lógica e sentido à rede e tendem a sintetizar espacialmente o processo de mudanças estruturais de longa duração, emoldurando localizações alternativas para investimentos econômicos e permitindo o surgimento de novos papéis e distintos níveis de

¹ Essa qualificação é importante porque ainda hoje se difunde a idéia de que o migrante “pesa” negativamente nas economias das áreas receptoras. Essa crença se apóia no “excessivo” volume dos fluxos migratórios, geralmente de tal ordem que ultrapassaria qualquer oferta preexistente de emprego nas grandes cidades.

² Ver entre outros: Azzoni (1986), Haddad (1989) e Diniz (1993), Martine e Diniz (1989), Amarante e Bondioli (1987), Redwood (1984) e Townroe e Keen (1984).

especialização econômica, passíveis de cristalizar desenhos pelos quais circulam mercadorias, pessoas e capitais, não necessariamente circunscritos a um perímetro definido no Sul-Sudeste, como propõe Diniz (1993).³

Nesse sentido, é mais provável que o sistema urbano brasileiro consolide seu desenho para formas híbridas diversas, entre as quais podem ganhar nitidez a estrutura de nucleações dispersas economicamente especializadas articuladas ao que atualmente se denomina de “eixos de desenvolvimento denso”.

Dessa forma, pode-se concordar com a conclusão de Motta e Ajara (1999) quando entendem que

os diversos tipos de articulação e integração espacial existentes entre centros urbanos, ao mesmo tempo que expressam sua inserção e o papel desempenhado na estrutura produtiva, refletem os diversos arranjos possíveis e engendram uma configuração espacial peculiar para cada segmento da rede urbana.

Entretanto, pouco sabemos sobre as características sociais e demográficas que acompanham o processo de realocização econômica, se, afinal, a população vem acompanhando a atividade econômica nesse novo processo e em que grau de intensidade.

Nesse sentido, cabe perguntar como as localizações urbanas incorporam a parte mais expressiva do crescimento populacional brasileiro nos últimos anos. Autores como Redwood (1985) e Katzman (1986:221) afirmavam que o país com-pletara sua transição urbana desde 1980, quando 52% da população residia em cidades de mais de 20 mil habitantes. Isto apontaria para a tendência de que a maior parte do crescimento urbano deveria concentrar-se em cidades de tamanho médio e/ou em centros relativamente próximos das metrópoles.

Uma falha nesse tipo de raciocínio, convém salientar, é a ausência dos dados

sobre migrações e fluxos migratórios. Teoricamente, a migração pode ser vista como mobilidade da força de trabalho, diretamente vinculada à criação, expansão e articulação dos mercados de trabalho no País. A alteração de tendências migratórias de tipo “periferia ⇒ centro”, pode ser o resultado tanto da escassez de postos de trabalho em grandes centros urbanos e surgimento concomitante de oportunidades econômicas em localidades menores, quanto da piora das condições de vida das famílias, em face de aumentos do custo de moradia (preço de terrenos, impostos, aluguéis etc.), crescentes constrangimentos nos deslocamentos residência-trabalho, aumento da violência e criminalidade etc.

Na discussão sobre os fatores que atuaram na quebra do padrão concentrador em alguns países, vários autores chamam a atenção para a análise do perfil de desenvolvimento rural e urbano; para as formas institucionais e sociais de difusão de informações e inovações; para a inserção tardia ou avançada na transição demográfica; e para os graus de desigualdade social e econômica. Nesse sentido, deve-se ter em conta as mudanças recentes em termos de fluxos migratórios. Movimentos de tipo campo-cidade perdem a primazia a favor de um padrão mais disperso de tipo urbano-urbano, apoiado na presença de redes urbanas densas e em expansão. Boa parte destas mudanças respondem à difusão de externalidades positivas na periferia, e novos fluxos migratórios podem se reorientar espacialmente, reagindo a fatores de atração presentes em cidades secundárias. É evidente que as cidades médias são pontos estratégicos da expansão do sistema urbano brasileiro e do incremento e diversificação das atividades econômicas nos últimos decênios.

Há, entretanto, dúvidas e indagações de difícil resposta do ponto de vista

³ O autor chegou, inclusive, a excluir o Rio de Janeiro do seu “polígono de desenvolvimento industrial” (privilegiando o arco Porto Alegre-São Paulo-Belo Horizonte), tese contrariada pela liderança carioca recente em termos de investimentos industriais, assumida pouco tempo após a publicação do artigo. Em outro trabalho, Diniz e Crocco (1996), quando procuram avaliar a reestruturação econômica e o novo mapa da indústria brasileira, concordam, de forma ainda relutante, que teria iniciado no país uma relativa dispersão geográfica em direção à maioria das regiões e estados, não obstante a possibilidade de uma reconcentração geográfica no Centro-Sul, em uma região que iria do Rio Grande do Sul até o Centro de Minas Gerais.

econômico e demográfico. Não soa plausível afirmar taxativamente sobre a generalização ampla do processo de desconcentração espacial. É bem provável que o país venha ingressando em um ciclo de descompressão do crescimento urbano central, no qual a população em movimento tornou-se um fator explicativo-chave, porquanto nada indica que a fecundidade brasileira volte a crescer aos níveis conhecidos no passado, passando com isso a produzir excedentes populacionais capazes de dar vazão ao processo de liberação de mão-de-obra de áreas menos dinâmicas para áreas mais dinâmicas. A generalização das mudanças na dinâmica populacional, em face do próprio avanço da transição demográfica, certamente reduziu os níveis de pressão do campo sobre a cidade. Se assim não fosse, a intensidade dos atuais conflitos de terra no Brasil seria muito mais dramática.

Os itens que se seguem procuram abordar parte das questões acima mencionadas, tentando responder, mais especificamente, se os trabalhadores migrantes têm dado uma contribuição positiva em segmentos do mercado de trabalho de áreas importantes da rede urbana brasileira, áreas que participam do recente processo de desconcentração econômica e demográfica. Espera-se comprovar a hipótese de que os trabalhadores migrantes integrantes dos fluxos de desconcentração populacional são significativamente mais experientes para o trabalho urbano e mais instruídos que os demais trabalhadores migrantes,

operando, portanto, como um vetor de redinamização dos mercados de trabalho em termos de qualificação ocupacional, e contribuindo, em alguma medida, para a redução das disparidades regionais.

Aspectos metodológicos

Nesse trabalho entende-se como migrante interno a pessoa, natural ou não-natural, do município onde foi recenseada em 1991 que efetuou mudança de residência entre municípios no período 1981-1991. Não-migrante é, então, tanto o migrante antigo que mora no município há mais de dez anos, quanto a pessoa natural do município onde foi recenseada que não efetuou mudança intermunicipal de residência no período 1981-1991.

O trabalho envolve a mensuração e análise demográfica e econômica, pretendendo delinear uma panorâmica sobre o perfil dos trabalhadores das microrregiões geográficas⁴ mais importantes do Brasil, tendo em conta os movimentos migratórios e os efetivos populacionais recenseados em 1991. Nesse perfil indica-se sumariamente como deve ter sido a inserção ocupacional nos principais setores de atividade dos trabalhadores migrantes nas áreas de destino, confrontados com os trabalhadores não-migrantes, recortando-se posteriormente a origem dos migrantes. Tal perfil é examinado mediante dados censitários de ocupação, recategorizados de acordo com tipologia ocupacional própria⁵, de modo a produzir uma classificação simplificada

⁴ As "microrregiões geográficas" foram instituídas em 1991 pelo IBGE, como uma nova regionalização brasileira, substituindo a classificação anterior, baseada no princípio da homogeneidade, que definira as Microrregiões Homogêneas. Resultam, segundo documento do IBGE (1992), da individualização de áreas em cada Unidade da Federação onde ocorrem "formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante, e a rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial". Para a identificação das unidades espaciais nessa nova regionalização foi, portanto, determinante o processo social, não obstante a importância do quadro natural e da rede de comunicação e de lugares.

⁵ A estratificação das ocupações segundo a qualificação é derivada do Censo Demográfico. O Censo entende como ocupação "o emprego, cargo, função, profissão, etc. exercido durante a maior parte dos meses anteriores à data de referência do censo ou, excepcionalmente, a ocupação exercida na data de referência do censo, quando adotada com a intenção de ser definitiva." (IBGE, Censo demográfico de 1991, documentação dos microdados da amostra). Os "qualificados" referem-se às ocupações que pressupõem formação profissional ou aprendizado prático sofisticado. Ademais, acrescentou-se na identificação dos trabalhadores qualificados ocupados a exigência de pelo menos quatro anos de instrução formal, mediante o emprego da variável censitária "anos de estudo" (o que corresponderia ao "primário completo" ou ao atual "Ensino Fundamental"). Em caso contrário, a pessoa passa para o grupo dos "não-qualificados". Nesse grupo também se incluem pessoas que freqüentavam curso de alfabetização de adultos, independente do tipo de ocupação. A relação detalhada das ocupações em cada grupo encontra-se em Matos (2001).

separando os trabalhadores qualificados dos não-qualificados.

Essa tipologia estabelece uma simplificação ao considerar apenas dois tipos de trabalhadores, os *qualificados* e os *nãoqualificados*. Em outro trabalho a mesma tipologia mostrou a presença dos *semiqua-licados*, o que introduzia mais detalhamento, consistência e complexidade nos resultados. Todavia, a simplificação aqui adotada permite visualizar melhor tendências mais gerais, beneficiando-se da vantagem dos grandes números, além de partir do suposto de que o trabalhador *semiqua-licados* é também qualificado.

A origem dos migrantes procedentes de grandes áreas de concentração populacional foi controlada, basicamente, para responder à seguinte pergunta: os imigrantes provenientes das metrópoles de São Paulo e do Rio de Janeiro se diferenciam dos demais, influenciando positivamente no mercado de trabalho das áreas receptoras?

Importa observar que a análise é de caráter exploratório, portanto, não tem o alcance de estabelecer conclusões abrangentes e definitivas sobre a mobilidade física e ocupacional da força de trabalho brasileira no período, e opera com dados de abrangência temporal restrita (1981-91). Provavelmente, estudos da mesma natureza sobre dados censitários, recortando outros períodos e empregando a mesma metodologia, podem ampliar em muito as evidências aqui assinaladas e agregar maior consistência às análises sobre as tendências contemporâneas de deslocamento da força de trabalho no Brasil.

Deve-se ter em mente que, não obstante estarmos trabalhando com os migrantes de última etapa (os que fizeram migração entre 1981/91), o quesito censitário aqui detalhado aglutina as pessoas maiores de 10 anos que trabalharam (habitual ou eventualmente)

nos últimos doze meses anteriores à data do Censo.

Além disso, cabe considerar que nesse mesmo período de tempo (últimos 12 meses) os migrantes podem ter mais de uma ocupação em diferentes lugares. Embora se possa, através dos quesitos censitários, controlar melhor esse aspecto (através da variável “tempo de residência no município”), este estudo não utilizou tal variável, partindo da suposição de que a maioria dos imigrantes estava ocupada já há algum tempo no lugar onde foi recenseada.⁸

Os espaços estudados referem-se às 84 microrregiões geográficas selecionadas de acordo com dois critérios não exclusivos, que se reportam à expressão do número de imigrantes no destino e ao tamanho da população total em cada microrregião em 1991. Esse conjunto (ver Mapa 1) contempla a maioria dos segmentos mais importantes da rede de cidades do Brasil contemporâneo, e responde em larga medida pela espacialidade que a dinâmica econômica vem cristalizando nas últimas décadas.

A tipologia ocupacional aqui empregada, desenvolvida e simplificada a partir da utilizada em Matos (1995), foi submetida a sucessivos testes até que se resolveu utilizar a variável escolaridade como um filtro adicional para distinguir melhor os trabalhadores qualificados dos não-qualificados.

As tabelas e mapas apresentados a seguir procuram sintetizar os principais achados da pesquisa. Convém salientar que a base de dados com a qual se trabalhou é fonte de informações recente sobre o assunto, a única dotada de possibilidade de desagregação espacial ao nível requerido nos estudos que combinam migração e rede de lugares. Com a divulgação dos dados amostrais do Censo de 2000 outros estudos como este poderão ser realizados.

⁸ Ainda que essa premissa seja objeto de discussão, convém arrolar alguns argumentos a favor do caminho metodológico adotado. O primeiro diz respeito à simplificação, uma vez que evita-se agregar mais uma variável ao estudo, o que poderia resultar na perda das vantagens em se trabalhar com tamanhos populacionais que diminuam os erros amostrais. O segundo refere-se aos próprios resultados encontrados, que se mostraram lógicos e plausíveis se contrastados com outras informações sobre a dinâmica sócio-espacial contemporânea da rede de cidades do País.

MAPA 1
Localização e nome das microrregiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.

Organização e Produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

Imigrantes e não-migrantes ocupados por setor econômico⁷

As 84 microrregiões selecionadas reúnem uma população equivalente a pouco mais de 50% da população brasileira de 1991. Em seu interior, os não-migrantes, 66.295.158 pessoas, estavam bem menos ocupados que os 14.405.629 imigrantes internos. Isto se deve à maior proporção de crianças e idosos não-ocupados entre os não-migrantes, comparativamente aos migrantes. A migração já é, por si só, um processo pelo qual as pessoas em idade produtiva buscam se inserir no mercado de trabalho. Assim, cerca de 36,6% dos não-migrantes declararam-se ocupados entre 1981/91, enquanto essa proporção se eleva substancialmente entre os imigrantes, chegando a 49,75% em termos médios. Os dados indicam, inclusive, que em algumas microrregiões o nível de ocupação dos imigrantes é significativamente maior do que nas demais. O exemplo mais eloqüente é o da microrregião de São Paulo, onde 70% dos imigrantes estavam ocupados.

Parte da explicação sobre os diferenciais existentes entre não-migrantes e imigrantes, em termos de inserção ocupacional nos setores econômicos, assenta-se na preferência e/ou seleção de oportunidades que a própria condição migrante e não-migrante internaliza. Outra parte da explicação reporta-se à geografia econômica dos lugares. Por exemplo, a maior presença dos não-migrantes nas atividades primárias em áreas de fronteira pode ser atribuída a uma temporalidade mais longa, típica dos ocupados na agropecuária (em propriedade própria ou não), algo que não se coaduna com a temporalidade mais curta da condição migrante (movimentos feitos há menos de 10 anos). Por outro lado, é evidente que características mais específicas dos lugares constituem poderosos fatores a explicar a

distribuição diferenciada dos trabalhadores pelas atividades. Assim, áreas de fronteira de recursos certamente se destacam na agricultura e/ou extrativismo, ocupando mais força de trabalho no setor primário.

Nessas áreas, é um tanto evidente que a inserção dos trabalhadores nas atividades industriais é muito pequena, mesmo que a presença da agroindústria seja uma tendência que venha se afigurando. É bem provável, inclusive, que o fator *disponibilidade de terra* seja ainda o que mais atrai o trabalhador migrante para essas localidades.

No cômputo geral, os setores que mais ocupam mão-de-obra localizam-se preferentemente nas áreas urbanas e são a indústria e, sobretudo, o terciário, como se verifica pelos dados da Tabela 1. As microrregiões relativamente mais industrializadas ocupam mais migrantes do que não-migrantes. Em 1969, das 84 microrregiões, a proporção de imigrantes lotados na indústria é superior à dos não-migrantes, diferente do que ocorre no setor terciário, onde esse número diminui bastante, já que somente em 46 microrregiões os percentuais dos imigrantes são superiores aos dos não-migrantes. No terciário, a forte presença de mulheres migrantes ocupadas no emprego doméstico deve contribuir para a elevação da participação.

De qualquer forma, os dados permitem indagar sobre a existência de tendências sintomáticas que diferenciam migrantes de não-migrantes no âmbito ocupacional. Os não-migrantes, mais familiarizados com o mercado de trabalho local, procurariam se inserir profissionalmente em setores mais prestigiados longe do trabalho braçal da indústria? Por exemplo, no terciário?

Convém observar, no entanto, que alguns lugares, mais que outros, ocupam bem mais mão-de-obra no setor terciário. Neles os não-migrantes são muito numerosos e, freqüentemente, predominam

⁷ Nesse item, e apenas nele, apresentam-se pequenas distorções nos resultados, pela não adoção da padronização por idade nas comparações entre migrantes e não-migrantes, o que entretanto não contraria as principais conclusões aqui arroladas. A propósito, cabe ter em conta os tamanhos relativos dessas subpopulações após a expansão da amostra de 10% e o fato de que a grande maioria dos ocupados é composta por adultos entre 18 e 60 anos de idade.

TABELA 1
Participação relativa dos trabalhadores não-migrantes e imigrantes nos setores econômicos
Microrregiões selecionadas – Censo Demográfico de 1991 - %

Microrregião	Primário		Secundário		Terciário		Total	
	NM	Imigrantes	NM	Imigrantes	NM	Imigrantes	NM	Imigrantes
Brasília	3,8	5,3	11,3	13,9	84,9	80,8	100,0	100,0
Florianópolis	10,2	4,7	17,0	17,4	72,8	77,9	100,0	100,0
Recife	4,1	3,4	20,4	19,7	75,5	76,9	100,0	100,0
Rio de Janeiro	2,9	2,5	21,6	20,6	75,5	76,9	100,0	100,0
Aracaju	8,3	6,4	16,8	18,3	75,0	75,4	100,0	100,0
João Pessoa	7,2	5,6	18,1	19,2	74,7	75,3	100,0	100,0
Salvador	4,0	3,4	20,9	21,6	75,1	75,0	100,0	100,0
Cuiabá	12,0	7,5	17,7	18,1	70,3	74,4	100,0	100,0
Natal	6,0	5,0	18,1	21,5	75,8	73,5	100,0	100,0
Belém	5,8	5,6	17,6	21,2	76,6	73,1	100,0	100,0
Teresina	18,5	10,5	15,3	16,4	66,3	73,1	100,0	100,0
Aglom.Urbana de São Luís	7,7	7,1	17,4	20,4	74,9	72,5	100,0	100,0
Santos	2,8	2,5	22,5	25,8	74,8	71,8	100,0	100,0
Campo Grande	9,2	11,1	17,5	17,2	73,3	71,7	100,0	100,0
Maceió	9,6	11,0	16,8	18,2	73,7	70,8	100,0	100,0
Campos dos Goytacazes	22,6	14,0	18,5	15,9	58,8	70,1	100,0	100,0
Fortaleza	5,9	4,4	24,4	25,8	69,8	69,8	100,0	100,0
Vitória	4,3	3,9	24,3	26,6	71,4	69,5	100,0	100,0
Goiânia	8,1	7,6	19,3	24,5	72,5	67,9	100,0	100,0
Campina Grande	19,3	10,7	18,7	21,4	62,0	67,9	100,0	100,0
Feira de Santana	38,1	14,3	15,4	18,5	46,4	67,2	100,0	100,0
Porto Velho	17,5	17,7	12,0	15,3	70,5	67,0	100,0	100,0
Foz do Iguaçu	23,4	15,3	15,7	17,8	60,9	66,8	100,0	100,0
Belo Horizonte	4,2	4,0	26,3	29,2	69,5	66,8	100,0	100,0
Entorno de Brasília	31,1	13,0	15,7	20,3	53,1	66,7	100,0	100,0
Vale do Paraíba Fluminense	6,0	8,4	32,8	26,2	61,2	65,4	100,0	100,0
Curitiba	6,5	4,5	27,0	30,5	66,5	64,9	100,0	100,0
Maringá	10,0	8,0	23,7	27,3	66,3	64,7	100,0	100,0
Itajaí	14,0	7,7	28,5	27,8	57,5	64,6	100,0	100,0
Juiz de Fora	13,5	11,1	27,1	24,6	59,4	64,4	100,0	100,0
Pelotas	30,6	13,2	18,5	22,4	50,9	64,3	100,0	100,0
Montes Claros	38,8	17,2	15,8	19,6	45,3	63,2	100,0	100,0
Rio Branco	21,5	22,5	12,6	14,5	66,0	63,0	100,0	100,0
Governador Valadares	26,9	19,0	18,7	19,1	54,5	62,0	100,0	100,0
Uberlândia	17,5	16,2	20,1	22,4	62,4	61,5	100,0	100,0
Manaus	11,2	6,3	27,8	32,2	61,0	61,5	100,0	100,0
Londrina	11,4	11,7	23,7	26,9	64,9	61,4	100,0	100,0
Dourados	30,2	24,1	14,0	15,1	55,8	60,8	100,0	100,0
Ipatinga	11,3	7,7	36,4	31,7	52,3	60,6	100,0	100,0
Itapetecira da Serra	4,0	3,0	37,8	36,5	58,2	60,5	100,0	100,0
Porto Alegre	2,9	2,5	29,6	37,2	67,5	60,2	100,0	100,0
São Paulo	1,9	1,6	32,9	38,5	65,1	59,9	100,0	100,0
Cariri	31,8	22,2	16,6	18,9	51,6	59,0	100,0	100,0
Ribeirão Preto	10,4	13,8	26,3	27,8	63,3	58,4	100,0	100,0
Vitória da Conquista	49,6	26,5	10,9	15,4	39,4	58,1	100,0	100,0
São José do Rio Preto	16,2	15,4	24,4	26,5	59,4	58,1	100,0	100,0
Anápolis	23,1	21,8	19,0	20,8	57,9	57,4	100,0	100,0
São José dos Campos	5,0	5,6	37,3	37,1	57,7	57,3	100,0	100,0
Cascavel	35,2	26,9	13,8	16,9	51,0	56,2	100,0	100,0
Bauru	14,9	17,3	25,1	26,8	60,0	55,9	100,0	100,0
Vale do Ipojuca	37,2	22,6	18,5	22,0	44,3	55,4	100,0	100,0
Osasco	2,0	2,0	39,0	42,9	59,0	55,2	100,0	100,0
Porto Seguro	46,2	31,3	12,8	14,0	41,1	54,7	100,0	100,0
Presidente Prudente	22,1	23,8	18,9	22,7	59,0	53,6	100,0	100,0
Piracicaba	9,0	13,8	33,5	33,7	57,5	52,5	100,0	100,0

(continua)

(continuação)

Microrregião	Primário		Secundário		Terciário		Total	
	NM	Imigrantes	NM	Imigrantes	NM	Imigrantes	NM	Imigrantes
Campinas	4,6	6,3	38,6	41,2	56,8	52,5	100,0	100,0
Porangatu	45,9	36,4	11,2	11,7	43,0	52,0	100,0	100,0
Guarulhos	2,9	2,7	41,8	45,4	55,3	51,9	100,0	100,0
Santarém	50,0	37,6	9,0	11,1	41,0	51,3	100,0	100,0
Sudoeste de Goiás	31,7	36,5	14,9	12,9	53,4	50,6	100,0	100,0
Imperatriz	37,5	31,1	15,6	18,3	46,9	50,6	100,0	100,0
Cametá	48,8	34,4	16,4	15,0	34,8	50,6	100,0	100,0
Toledo	45,1	31,8	11,8	18,0	43,1	50,2	100,0	100,0
Sorocaba	6,5	8,3	40,7	43,8	52,8	47,9	100,0	100,0
Bragantina	62,1	41,2	6,8	11,7	31,1	47,1	100,0	100,0
Mogi das Cruzes	6,9	5,9	40,8	47,4	52,3	46,7	100,0	100,0
Ilhéus-Itabuna	45,3	44,6	9,9	8,7	44,9	46,6	100,0	100,0
Blumenau	8,0	4,6	51,7	48,8	40,3	46,6	100,0	100,0
Criciúma	20,1	11,0	34,7	42,7	45,1	46,2	100,0	100,0
Joinville	7,6	4,6	48,6	49,9	43,7	45,5	100,0	100,0
Petrolina	46,1	40,8	10,8	13,9	43,1	45,2	100,0	100,0
Limeira	14,4	18,4	38,3	37,9	47,3	43,7	100,0	100,0
Ji-Paraná	50,8	46,5	9,8	11,4	39,4	42,1	100,0	100,0
Jundiá	4,8	8,8	44,8	49,3	50,4	41,8	100,0	100,0
Araraquara	18,9	31,3	27,4	27,9	53,8	40,8	100,0	100,0
Umarama	48,4	48,4	10,7	11,5	40,9	40,2	100,0	100,0
Chapecó	60,4	41,4	11,3	19,1	28,3	39,5	100,0	100,0
Caxias do Sul	15,3	7,5	40,9	53,3	43,8	39,2	100,0	100,0
Iguatemi	42,5	48,3	13,9	14,0	43,6	37,7	100,0	100,0
Guarapuava	45,7	42,0	18,6	22,0	35,7	36,0	100,0	100,0
Cacoal	59,9	52,6	8,5	11,8	31,5	35,6	100,0	100,0
Colíder	68,0	57,7	6,7	6,8	25,3	35,5	100,0	100,0
Guamá	74,2	54,3	5,9	11,9	19,9	33,8	100,0	100,0
Pindaré	69,2	63,7	5,8	6,9	25,0	29,4	100,0	100,0
Total	10,57	9,86	25,22	27,80	64,22	62,34	100,0	100,0

Fonte: IBGE – Microdados do Censo de 1991 – Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE)

em termos relativos. Os exemplos mais evidentes referem-se às microrregiões que sediam capitais estaduais ou cidades de urbanização dinâmica nas últimas décadas.⁸ Em todas elas a distribuição setorial entre os migrantes ocupados também incidia fortemente no terciário, com o registro de vários casos com proporções superiores a 60% (ver Tabela 1).

Imigrantes e não-migrantes segundo qualificação

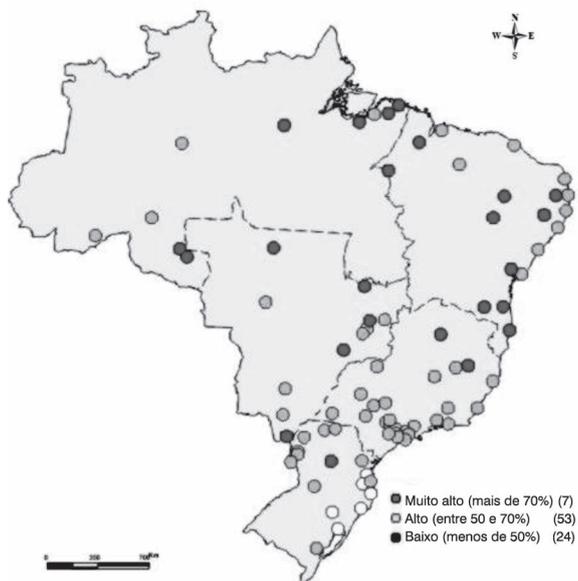
Após classificadas as pessoas que trabalharam, habitual ou eventualmente, nos doze meses anteriores ao Censo Demográfico de 1991, segundo a condição

de qualificado e não qualificado, verificou-se que a predominância de uma ou outra condição entre os migrantes e não-migrantes variava bastante de acordo com as localizações relativas das 84 microrregiões selecionadas. Os dados espacializados nos Mapas 2 e 3 exprimem claramente tais afirmativas. Os não-migrantes, cujas participações relativas dos qualificados foram particularmente altas (acima de 70% em relação ao total de não-migrantes ocupados na microrregião), aparecem em apenas sete microrregiões, seis delas localizadas na Região Sul. Um número maior de casos ocorre, sobretudo, quando as participações dos qualificados situam-se entre 50 e 70%: todas as

⁸ Os exemplos envolvem 21 capitais estaduais: Brasília, Florianópolis, Recife, Rio de Janeiro, Aracaju, João Pessoa, Salvador, Cuiabá, Natal, Belém, Teresina, Aglomeração Urbana de São Luís, Campo Grande, Maceió, Fortaleza, Vitória, Goiânia, Porto Velho, Belo Horizonte, Curitiba, Rio Branco, Manaus e Porto Alegre.

MAPA 2

Participação relativa dos não-migrantes* qualificados no mercado de trabalho das microrregiões selecionadas

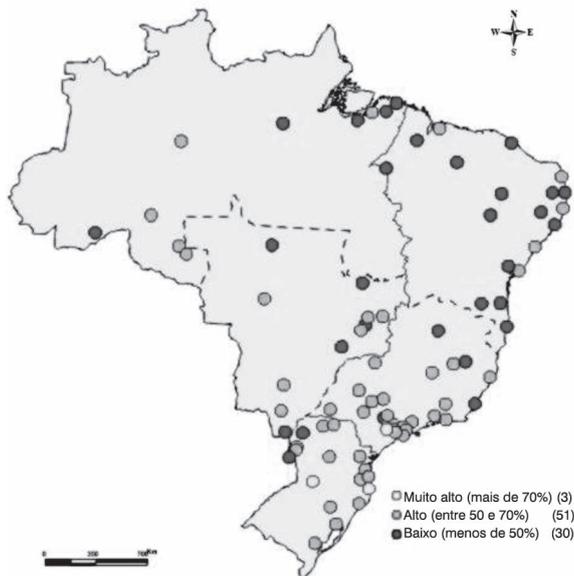


Fonte: IBGE, LESTE.

Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

MAPA 3

Participação relativa dos imigrantes* qualificados no mercado de trabalho das microrregiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.

Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

microrregiões dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, as do litoral nordestino (a exceção de Porto Seguro), seis do Centro-Oeste e quatro do Norte (Belém, Manaus, Porto Velho e Rio Branco). Os trabalhadores não-migrantes não-qualificados predominam em 24 microrregiões, a maioria no Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

Do lado dos imigrantes o quadro é ligeiramente distinto. Mesmo continuando dominante a presença no Sul e no Sudeste da maioria de microrregiões nas quais os ocupados eram mais qualificados, surge um número maior de microrregiões onde o trabalhador não-qualificado predomina.

A distribuição dos 30 casos registrados faz aflorar a condição de região deprimida do Nordeste, já que 14 de suas 18 microrregiões comparecem nesses 30 casos. Afora esses casos, registram-se outros cinco no Norte, cinco no Centro-Oeste, quatro no Sudeste e apenas dois no Sul.

Em 53 das 84 microrregiões os não-migrantes eram, em termos proporcionais, mais qualificados que os imigrantes (Tabela 2). Em várias das capitais estaduais e cidades prósperas tal predomínio mostrava-se bem expressivo.

A distribuição dos migrantes e não-migrantes segundo anos de estudo, qualificação e setores econômicos (Tabela 3) é útil para introduzir mais consistência à tipologia aqui adotada, além de explicitar diferenciais entre qualificados e não-qualificados e entre migrantes e não-migrantes segundo setores ocupacionais.

A primeira constatação refere-se à discrepância entre os trabalhadores qualificados e os não-qualificados. Os primeiros detêm, em média, cerca de 5 anos

de estudos a mais que os segundos. Isto é verificável em todos os setores e essa diferença chega a 5,6 anos no terciário. Em algumas microrregiões a discrepância entre qualificados e não-qualificados é significativamente ampliada. A explicação nesses casos pode residir nos maiores requisitos para os trabalhos exigidos pela economia local ou na extrema debilidade social e econômica dos não-qualificados, ampliando a diferença entre estes e os qualificados.⁹

A segunda constatação indica que os imigrantes são um pouco mais escolarizados que os não-migrantes.¹⁰ No setor primário, em 54 das 84 microrregiões eles são mais instruídos que os não-migrantes, embora no secundário e no terciário os diferenciais de escolaridade sejam muito pequenos.

Entretanto, em determinadas microrregiões, entre os ocupados no terciário e no secundário, os não-migrantes mostraram-se mais instruídos que os migrantes, a exemplo de Curitiba, Guarulhos, Belo Horizonte, Brasília, São Paulo, Santos, Jundiá, Fortaleza, Aglomeração Urbana de São Luís, Goiânia e Mogi das Cruzes.

Retomando as comparações que sintetizam as variações no tocante à presença maior ou menor de trabalhadores qualificados segundo ocupação, convém concentrar a análise sobre os setores secundário e terciário, setores que se localizam preferentemente em áreas urbanas ou peri-urbanas.

Os dados permitem concluir que existem microrregiões onde a indústria é mais dinâmica, empregando mais e requerendo maior qualificação dos trabalhadores. O Sudeste e o Sul são de longe as regiões do país que mais oferecem

⁹ Tomando como referência o terciário merecem ser citados os seguintes exemplos, classificados em ordem decrescente de disparidade qualificados x não-qualificados (acima de seis anos) no âmbito dos não-migrantes: João Pessoa, Campina Grande, Maceió, Cariri, Teresina, Natal, Fortaleza, Aracaju, Rio Branco, Recife, Ilhéus-Itabuna, Petrolina, Vale do Ipojuca, Pindaré, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Brasília, Salvador, Curitiba e Imperatriz. Não é mera coincidência verificar que a grande maioria dessas microrregiões localizam-se no Nordeste. Os exemplos de Brasília e Curitiba devem vincular-se à hipótese das economias locais mais exigentes. Raciocínio semelhante aplica-se aos trabalhadores da indústria e do setor primário. A discrepância entre qualificados e não-qualificados é maior, sobretudo nas microrregiões do Nordeste.

¹⁰ Essa constatação guarda pequena relação com o efeito idade, já que grande parte da população jovem não-migrante detém níveis de escolaridade superiores aos dos imigrantes, os quais tendem a adiar seus estudos em favor da sobrevivência no trabalho.

TABELA 2
Proporções de não-migrantes e imigrantes das microrregiões selecionadas que trabalharam, classificados segundo qualificação ocupacional 1991

Microrregiões	Qualificados		Não-qualificados		Imigrantes X Não-migrantes	
	Imigrantes (1)	Não-migrantes (2)	Imigrantes (3)	Não-migrantes (4)	(2)/(1)	(3)/(4)
Brasília	50,7	69,5	49,3	30,5	0,73	1,62
São Paulo	53,5	72,3	46,5	27,7	0,74	1,68
Jundiá	51,7	67,1	48,3	32,9	0,77	1,47
Maceió	44,5	57,1	55,5	42,9	0,78	1,30
Goiânia	54,5	68,6	45,5	31,4	0,79	1,45
Piracicaba	53,6	67,1	46,4	32,9	0,80	1,41
Limeira	53,3	66,6	46,7	33,4	0,80	1,40
Salvador	51,2	63,0	48,8	37,0	0,81	1,32
Aglom.Urbana de São Luís	53,8	65,7	46,2	34,3	0,82	1,35
Mogi das Cruzes	51,6	63,1	48,4	36,9	0,82	1,31
Fortaleza	46,9	56,7	53,1	43,3	0,83	1,23
Sorocaba	55,7	67,3	44,3	32,7	0,83	1,35
João Pessoa	49,7	59,7	50,3	40,3	0,83	1,25
Guarulhos	55,4	66,1	44,6	33,9	0,84	1,32
Belém	51,7	61,6	48,3	38,4	0,84	1,26
Belo Horizonte	57,5	68,0	42,5	32,0	0,85	1,33
Osasco	55,2	65,1	44,8	34,9	0,85	1,28
Aracaju	55,4	65,2	44,6	34,8	0,85	1,28
Rio de Janeiro	57,7	67,8	42,3	32,2	0,85	1,31
Santos	56,7	66,5	43,3	33,5	0,85	1,29
Campinas	59,8	69,8	40,2	30,2	0,86	1,33
Natal	55,2	64,3	44,8	35,7	0,86	1,25
Teresina	45,1	52,5	54,9	47,5	0,86	1,16
Anápolis	50,4	58,3	49,6	41,7	0,86	1,19
Araraquara	55,7	64,4	44,3	35,6	0,86	1,24
Maringá	56,9	63,9	43,1	36,1	0,89	1,19
Vale do Paraíba Fluminense	58,5	65,5	41,5	34,5	0,89	1,20
Curitiba	61,2	68,2	38,8	31,8	0,90	1,22
Joinville	65,9	73,4	34,1	26,6	0,90	1,28
Vitória	59,1	65,8	40,9	34,2	0,90	1,19
Blumenau	68,4	75,8	31,6	24,2	0,90	1,30
Bauru	60,0	65,1	40,0	34,9	0,92	1,15
Itapeçerica da Serra	52,1	56,4	47,9	43,6	0,92	1,10
Caxias do Sul	69,6	75,2	30,4	24,8	0,92	1,23
Umuarama	49,2	53,1	50,8	46,9	0,93	1,08
Toledo	57,6	62,0	42,4	38,0	0,93	1,11
Ribeirão Preto	61,5	66,1	38,5	33,9	0,93	1,13
Presidente Prudente	56,4	60,5	43,6	39,5	0,93	1,10
Manaus	59,4	63,7	40,6	36,3	0,93	1,12
Petrolina	37,5	40,1	62,5	59,9	0,94	1,04
Rio Branco	47,6	50,8	52,4	49,2	0,94	1,06
São José do Rio Preto	60,3	64,2	39,7	35,8	0,94	1,11
Criciúma	66,0	70,2	34,0	29,8	0,94	1,14
Foz do Iguaçu	56,7	60,2	43,3	39,8	0,94	1,09
Porto Alegre	67,6	71,8	32,4	28,2	0,94	1,15
Londrina	58,4	61,7	41,6	38,3	0,95	1,09
Campina Grande	46,0	48,4	54,0	51,6	0,95	1,05
Iguatemi	44,0	46,0	56,0	54,0	0,96	1,04
Campo Grande	61,9	63,8	38,1	36,2	0,97	1,05
São José dos Campos	65,7	67,3	34,3	32,7	0,98	1,05
Cascavel	57,3	58,1	42,7	41,9	0,99	1,02
Uberlândia	61,2	61,5	38,8	38,5	1,00	1,01
Porto Velho	57,2	57,4	42,8	42,6	1,00	1,00
Chapecó	70,1	69,7	29,9	30,3	1,01	0,99
Imperatriz	38,4	37,8	61,6	62,2	1,02	0,99
Ipatinga	59,5	58,3	40,5	41,7	1,02	0,97
Itajaí	64,8	63,5	35,2	36,5	1,02	0,96
Governador Valadares	50,8	49,7	49,2	50,3	1,02	0,98
Cacoal	46,9	45,8	53,1	54,2	1,02	0,98
Recife	62,7	61,1	37,3	38,9	1,03	0,96

(continua)

(continuação)

Microrregiões	Qualificados		Não-qualificados		Imigrantes X Não-migrantes	
	Imigrantes (1)	Não-migrantes (2)	Imigrantes (3)	Não-migrantes (4)	(2)/(1)	(3)/(4)
Colíder	38,0	36,9	62,0	63,1	1,03	0,98
Cuiabá	63,6	61,6	36,4	38,4	1,03	0,95
Ilhéus-Itabuna	32,3	31,1	67,7	68,9	1,04	0,98
Florianópolis	72,9	70,1	27,1	29,9	1,04	0,91
Pelotas	63,6	60,8	36,4	39,2	1,05	0,93
Cariri	37,2	35,2	62,8	64,8	1,05	0,97
Sudoeste de Goiás	52,8	49,5	47,2	50,5	1,07	0,93
Porangatu	47,7	44,5	52,3	55,5	1,07	0,94
Juiz de Fora	68,4	63,6	31,6	36,4	1,07	0,87
Entorno de Brasília	51,4	47,2	48,6	52,8	1,09	0,92
Dourados	57,5	52,7	42,5	47,3	1,09	0,90
Ji-Paraná	48,5	44,4	51,5	55,6	1,09	0,93
Montes Claros	49,6	44,3	50,4	55,7	1,12	0,91
Guarapuava	56,7	49,3	43,3	50,7	1,15	0,85
Vale do Ipojuca	39,9	34,6	60,1	65,4	1,15	0,92
Pindaré	24,7	21,2	75,3	78,8	1,16	0,96
Santarém	47,6	40,5	52,4	59,5	1,17	0,88
Campos dos Goytacazes	60,8	51,2	39,2	48,8	1,19	0,80
Feira de Santana	45,8	36,2	54,2	63,8	1,27	0,85
Bragantina	37,5	28,3	62,5	71,7	1,32	0,87
Vitória da Conquista	36,7	27,5	63,3	72,5	1,34	0,87
Guamá	27,6	20,6	72,4	79,4	1,34	0,91
Porto Seguro	41,8	28,8	58,2	71,2	1,45	0,82
Cametá	43,9	27,0	56,1	73,0	1,63	0,77

Fonte: IBGE – Microdados do Censo de 1991 – Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE).

oportunidades ao trabalhador qualificado no secundário (44 microrregiões), apresentando expressivas proporções de qualificados (acima dos 70%), particularmente entre os não-migrantes (ver Mapas 4 e 5). Nas outras três regiões, exceto o caso isolado de Manaus, desaparecem as proporções muito altas de qualificados e surgem dezoito microrregiões nas quais a predominância dos não-qualificados se faz marcante, como no Nordeste brasileiro.¹¹

Nos Mapas 6 e 7, sobre o terciário, parte das constatações relativas ao secundário se repetem. Sul e Sudeste continuam sendo as Grandes Regiões nas quais é maior o número de trabalhadores qualificados. As proporções mais altas de qualificados incidem, sobretudo, nas microrregiões litorâneas do Sul do país e

em Brasília e Goiânia. Da mesma forma, o Nordeste e o Norte (nas proximidades de Belém) continuam sendo as regiões com maior número de não-qualificados, particularmente entre os imigrantes.

A análise comparativa com base nos cartogramas aqui apresentados permite constatar que os não-migrantes qualificados predominavam em 60 das 84 microrregiões selecionadas. Comparando-se os Mapas 2 e 3 com os Mapas 4 e 5, 6 e 7, que retratam os qualificados do secundário e terciário, deduz-se que o setor primário é responsável pela ampliação da proporção de trabalhadores não-qualificados, tanto entre os não-migrantes quanto entre os migrantes. Enquanto o setor terciário atua em sentido oposto, ampliando a proporção de qualificados.

¹¹ Além desses exemplos, cabe salientar o caso da microrregião de São Paulo, onde os imigrantes não-qualificados predominam sobre os qualificados, o que sinaliza a existência de muitos postos de trabalho de baixa qualificação, provavelmente abrangendo serviços domésticos, trabalho braçal, entre outros.

TABELA 3
Média de anos de estudos dos migrantes e não migrantes que trabalharam nos últimos doze meses por setor econômico e qualificação - microrregiões selecionadas.

Microrregiões	Imigrante						Não migrante					
	Primário		Secundário		Terciário		Primário		Secundário		Terciário	
	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.
Cametá	4,9	1,7	6,6	1,9	9,0	3,6	4,9	1,5	5,7	1,6	7,7	2,8
Guarapuava	5,4	1,7	6,4	2,4	9,4	3,6	5,0	1,5	6,0	2,3	8,2	3,1
Colíder	5,0	2,1	5,9	2,1	7,7	2,7	4,7	2,0	5,2	1,8	6,5	2,8
Sudoeste de Goiás	6,4	1,2	6,7	2,0	9,4	3,3	6,0	1,2	6,1	2,2	8,2	3,1
Ji-Paraná	4,9	1,3	6,0	2,0	8,7	3,1	4,7	1,2	6,0	2,0	7,7	2,8
Chapecó	4,9	1,8	6,6	3,0	9,5	4,3	4,9	1,6	6,5	2,9	8,6	4,0
Juiz de Fora	6,4	1,4	8,2	3,3	10,3	4,4	5,8	1,5	7,1	3,3	9,4	4,0
Pelotas	5,9	2,0	7,3	2,7	9,9	4,4	4,9	2,0	6,6	2,7	9,0	3,8
Dourados	6,3	1,5	6,6	2,0	9,3	3,6	6,0	1,3	6,1	2,3	8,5	3,1
Campos dos Goytacazes	8,7	2,4	7,6	2,6	9,9	3,8	6,7	1,5	6,8	2,3	9,1	3,5
Piracicaba	5,6	1,4	7,3	2,6	9,6	3,8	6,0	2,0	7,6	3,0	8,8	3,7
Vale do Paraíba Fluminense	7,2	1,8	8,3	2,8	9,9	4,0	7,2	2,2	8,2	3,0	9,1	3,9
Porto Seguro	6,5	0,9	6,6	1,4	8,7	2,4	5,7	0,7	5,9	1,2	7,9	2,0
Joinville	5,9	2,9	7,3	3,2	9,5	4,2	5,4	2,7	7,6	3,6	8,8	4,1
Ipatinga	6,9	1,7	8,1	2,9	9,1	3,9	5,4	1,4	7,8	2,8	8,4	3,3
Florianópolis	9,6	3,7	8,0	3,0	10,8	5,2	9,1	3,5	7,4	2,8	10,1	4,3
Itajaí	7,4	3,9	7,1	2,9	9,3	4,1	6,0	3,4	6,6	2,8	8,7	3,7
Cacoal	5,0	1,3	6,0	2,1	8,3	3,2	4,6	1,3	6,0	1,8	7,7	2,7
Ribeirão Preto	6,8	1,8	7,7	2,7	9,9	4,1	6,4	1,9	7,5	3,0	9,3	3,9
Itapeçerica da Serra	7,3	2,6	7,2	2,6	8,6	3,4	7,2	2,7	7,1	2,7	8,0	3,3
São José dos Campos	7,7	1,8	8,6	3,1	9,9	4,3	7,2	2,1	8,2	3,4	9,3	4,1
Londrina	6,6	1,5	7,4	2,8	10,1	3,9	6,5	1,4	7,5	2,9	9,5	3,6
Bragantina	6,0	1,1	7,0	2,4	8,7	2,8	4,9	1,2	6,2	2,1	8,1	2,8
Blumenau	6,0	2,7	6,9	3,5	9,3	4,2	5,4	2,9	6,8	3,7	8,7	3,9
Vitória da Conquista	7,5	0,7	6,9	1,2	8,9	2,4	5,5	0,6	6,2	1,1	8,3	2,2
Ilhéus-Itabuna	6,5	0,6	7,1	1,7	9,3	2,5	5,9	0,6	6,6	1,5	8,7	2,3
Araraquara	5,6	1,6	7,2	2,6	9,4	3,6	5,7	1,8	7,2	3,0	8,9	3,6
Guamá	5,6	0,9	6,7	1,6	8,0	2,3	4,8	1,0	5,8	1,7	7,5	2,4
Toledo	5,8	1,6	6,5	2,7	9,2	3,6	5,9	1,7	6,8	2,7	8,8	3,6
Bauru	6,1	1,7	7,6	2,8	9,8	4,0	6,6	1,7	7,3	3,1	9,4	4,1
Limeira	5,4	1,3	6,8	2,6	9,0	3,6	5,8	1,8	7,2	2,9	8,6	3,7
Uberlândia	6,6	1,6	7,3	2,7	9,4	4,2	6,0	1,6	7,0	2,8	9,0	3,9
Foz do Iguaçu	7,2	2,1	6,7	2,5	8,8	3,8	6,2	2,3	6,5	2,7	8,4	3,7
Porto Velho	7,1	2,7	6,9	1,7	9,5	3,8	6,5	2,0	6,6	1,9	9,1	3,3
Santarém	5,8	1,4	6,3	2,5	8,7	3,6	5,0	1,5	6,4	2,2	8,3	3,4
São José do Rio Preto	5,9	1,7	6,9	2,9	9,5	4,0	6,1	1,7	7,0	2,9	9,1	3,7
Umuarama	5,5	1,2	6,8	2,6	9,3	3,5	5,9	1,2	6,8	2,4	8,9	3,2
Salvador	10,4	2,0	8,6	2,3	10,1	3,4	10,1	2,9	8,4	2,5	9,8	3,8
Rio Branco	5,9	1,2	7,4	1,3	9,5	2,8	5,7	1,0	6,5	1,6	9,2	2,8
Cascavel	5,5	1,6	7,0	2,8	9,1	3,7	5,7	1,4	6,7	2,6	8,7	3,6
Governador Valadares	6,6	1,3	6,8	2,4	8,9	3,5	5,7	1,3	6,6	2,3	8,6	3,3
Campinas	6,6	1,8	7,6	2,9	9,6	3,7	7,8	2,2	7,7	3,1	9,2	3,6
Imperatriz	6,1	0,7	6,8	1,5	8,6	2,7	5,7	0,8	6,7	1,4	8,3	2,4
Iguatemi	5,3	1,2	6,1	1,9	8,4	3,0	5,4	1,2	6,0	2,1	8,1	2,8
Natal	10,4	1,6	7,5	2,1	10,4	3,5	9,9	2,0	7,7	2,1	10,1	3,3
Entorno de Brasília	6,6	1,3	6,5	1,8	8,5	3,6	5,3	1,1	6,1	1,8	8,3	3,4
Recife	10,1	2,3	8,6	2,4	10,2	3,8	9,8	2,2	8,0	2,5	9,9	3,6
Feira de Santana	6,8	0,9	7,0	1,8	8,9	3,1	5,5	0,7	7,0	1,7	8,7	2,6
Caxias do Sul	5,5	2,4	6,8	3,4	9,5	4,5	5,3	2,1	7,4	3,2	9,2	3,8
Petrolina	5,8	0,8	7,0	2,0	9,2	2,8	5,4	0,8	7,0	1,6	9,0	2,7
Porangatu	6,5	1,7	6,9	1,8	8,2	2,7	5,6	1,3	6,2	1,8	8,0	2,9
Montes Claros	7,1	1,4	7,5	2,4	9,1	3,7	5,2	1,0	6,7	2,3	8,9	3,5
Pindaré	5,2	0,7	6,3	1,4	8,3	2,2	5,0	0,6	6,0	1,5	8,1	2,0
Criciúma	6,3	2,3	7,0	3,2	9,1	4,1	6,0	2,5	7,2	3,2	9,0	3,7
Campo Grande	7,4	1,7	7,1	2,4	9,6	3,9	7,7	1,7	6,8	2,3	9,5	3,8
Campina Grande	6,1	0,8	7,6	1,7	10,0	2,9	6,5	0,8	7,5	1,6	9,8	2,4
Vale do Ipojuca	6,1	0,6	6,5	1,4	8,7	2,6	5,4	0,6	6,3	1,2	8,6	2,4
Brasília	8,1	1,6	7,5	2,0	10,6	4,2	9,2	2,5	7,7	2,1	10,5	4,5
Maringá	7,1	1,6	7,1	2,9	9,4	3,8	7,2	1,5	7,4	3,0	9,4	3,5
Presidente Prudente	6,0	1,4	7,4	2,9	9,3	4,2	6,4	1,4	7,0	2,7	9,3	3,9

(continua)

(continuação)

Microrregiões	Imigrante						Não migrante					
	Primário		Secundário		Terciário		Primário		Secundário		Terciário	
	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.	Qual.	Não qual.
Anápolis	5,8	1,3	6,7	2,4	8,8	3,6	5,7	1,3	6,7	2,5	8,8	3,5
Osasco	8,0	2,6	7,1	2,8	8,4	3,5	8,3	3,6	7,4	3,2	8,4	3,8
Rio de Janeiro	9,8	3,1	8,3	2,5	10,1	4,2	10,0	4,2	8,3	3,0	10,1	4,4
Guarulhos	7,4	2,4	7,2	2,6	8,6	3,5	7,4	2,9	7,7	2,9	8,6	3,6
Cariri	6,6	0,5	6,7	1,2	9,3	2,5	5,7	0,6	6,8	1,2	9,3	2,3
Manaus	8,0	2,6	7,9	2,5	9,2	3,8	7,0	1,6	8,0	2,7	9,3	3,7
Sorocaba	6,6	2,0	7,3	2,8	8,8	3,4	6,7	2,0	7,3	3,1	9,0	3,7
João Pessoa	8,5	1,0	7,9	1,7	10,5	2,7	8,7	1,1	7,8	1,8	10,6	2,8
Curitiba	8,1	2,3	7,8	2,9	9,7	4,1	7,5	2,1	8,0	2,9	9,9	3,9
Belo Horizonte	8,3	2,2	7,4	2,7	9,2	4,0	8,8	2,7	7,6	2,9	9,5	3,9
Maceió	7,6	0,8	8,6	1,5	9,9	2,7	8,4	1,2	7,9	1,6	10,1	3,0
Teresina	6,9	0,9	7,2	1,9	9,5	3,1	6,6	0,9	7,3	1,9	9,8	2,8
Porto Alegre	7,9	2,7	6,9	3,0	9,6	4,4	8,3	2,9	7,4	3,0	9,8	4,2
Vitória	8,4	2,2	7,7	2,6	9,4	4,1	8,6	2,7	7,9	2,8	9,6	4,0
São Paulo	9,5	3,0	8,0	2,6	9,6	3,8	10,2	4,8	8,5	3,1	9,9	4,1
Belém	9,3	2,6	7,5	2,7	9,6	4,1	8,7	2,6	7,4	2,8	9,9	4,5
Santos	8,5	3,5	7,9	2,2	9,1	3,9	9,1	3,8	8,6	2,6	9,4	4,2
Cuiabá	7,7	2,8	7,4	2,5	9,1	3,7	8,0	1,6	7,0	2,2	9,5	3,6
Jundiá	5,5	1,5	7,3	3,0	8,6	3,3	7,2	2,1	7,6	3,3	9,1	3,6
Fortaleza	8,3	1,1	7,3	2,0	9,3	3,0	8,5	1,3	7,6	2,0	9,8	3,0
Aglom. Urbana de São Luís	8,5	2,0	8,0	2,4	9,6	4,1	9,1	2,1	8,2	2,4	10,2	4,3
Goiânia	7,2	1,6	7,0	2,3	9,1	4,0	8,1	1,9	7,5	2,5	9,8	4,0
Aracaju	10,1	1,8	7,7	1,6	9,3	3,1	10,1	2,0	7,6	1,9	10,0	3,2
Mogi das Cruzes	7,0	2,0	7,0	2,7	8,2	3,5	7,0	2,1	7,7	3,2	9,1	3,8

Fonte: IBGE – Microdados do Censo de 1991 – Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE).

A partir dessas comparações, uma conclusão importante indica que, no caso dos migrantes, diferentemente dos não-migrantes, o setor secundário, mais que o terciário, é o principal responsável pela ampliação, em termos relativos, do número de trabalhadores qualificados. Assim, não obstante o nível de instrução relativamente baixo dos trabalhadores da indústria, eles são responsáveis pelo aumento da proporção de migrantes qualificados nos mercados de trabalho do Sudeste e do Sul. Além disso, entre os ocupados no trabalho industrial, os dados sugerem que a contribuição quantitativa dos trabalhadores migrantes se distancia dos extremos; não predomina nem entre os de mais alta qualificação, nem entre os de mais baixa qualificação.

Parte expressiva dos imigrantes ocupados parece chegar às áreas de destino dotados de uma espécie de pré-qualificação mínima para o trabalho industrial, provavelmente em atividades relativamente tradicionais, cujas habilidades e técnicas se encontram amplamente disseminadas pelo território.

Na verdade, a perspectiva de inserção dos migrantes, sobretudo do sexo masculino, no trabalho industrial (e em menor proporção no terciário) deve impulsioná-los à obtenção de informações sobre as exigências do mercado de trabalho das áreas de destino. Informações obtidas por meio das redes sociais que os migrantes estabelecem entre os lugares ao longo do tempo, aspecto este que os tornam competitivos *vis-à-vis* os não-migrantes. Estes últimos, mesmo aqueles apenas “semi-qualificados”, além de se distribuírem melhor pelos três setores, valem-se de vínculos sociofamiliares locais construídos em períodos de tempo mais longos (faculdade pouco pertinente aos imigrantes), para a obtenção de postos de trabalhos em estabelecimentos do setor terciário, como no comércio, nos serviços e, preferencialmente, na administração pública.

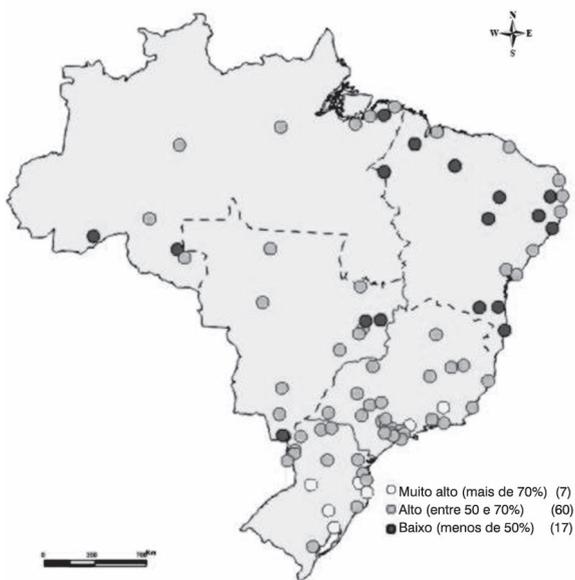
Por último, pode-se concluir que, de modo geral, em todas as microrregiões do Sudeste e do Sul, onde as proporções de qualificados não-migrantes mostrou-se alta ou muito alta, os imigrantes qualificados

MAPA 4
Participação relativa dos não-migrantes* qualificados no setor Secundário das microrregiões selecionadas



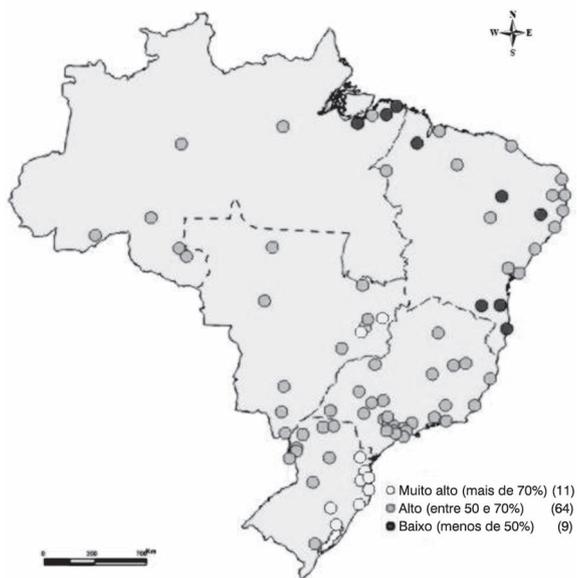
Fonte: IBGE, LESTE.
 Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

MAPA 5
Participação relativa dos imigrantes* qualificados no setor Secundário das microrregiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.
 Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

MAPA 6
Participação relativa dos não-migrantes* qualificados no setor Terciário das microrregiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.
Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

MAPA 7
Participação relativa dos imigrantes* qualificados no setor Terciário das microrregiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.
Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

também aparecem com proporções superiores a 50% em relação aos não-qualificados. Ao se focalizar as microrregiões onde predominavam os trabalhadores não-qualificados (notadamente no Nordeste e no Norte), salvo raras exceções, verifica-se que tanto migrantes quanto não-migrantes eram igualmente não-qualificados. Portanto, é evidente que forças econômicas associadas à geohistória dos lugares são componentes essenciais e permeiam as estruturas e processos que se disseminam pela rede de localidades, atuando diretamente nas dinâmicas sócio-espaciais das regiões e microrregiões.

A migração, por outro lado, atua como uma espécie de vetor difusor de inovações capaz de afetar as áreas receptoras, mesmo que de forma limitada. No entanto, essa limitação não é desprezível, pois pode provocar efeitos multiplicadores e impactar positivamente as localidades, como se buscará mostrar a seguir.

Desconcentração demográfica e efeitos da migração dos mais "aptos"

A análise em seqüência procura sublinhar o peso relativo, nas áreas de destino, dos imigrantes procedentes de centros de grande densidade econômica e demográfica, a saber, os correspondentes aos municípios das microrregiões de São Paulo e do Rio de Janeiro (SP/RJ), que, por razões anteriormente discutidas, vêm liberando população para o resto do país.

Em alusão ao clássico artigo de Martine (1980), parte-se do suposto de que grande parte dos emigrantes destes macropólos são pessoas relativamente mais qualificadas para o trabalho e mais escolarizadas que os demais migrantes, personificando, portanto, aportes de capital humano capazes de redinamizar economias microrregionais receptoras.

É evidente que vários dos procedentes de Rio e São Paulo são migrantes de retorno, que voltam após ter conquistado maior experiência no trabalho ou instrução formal. Contudo, muitos outros fora dessa condição mostram-se também mais

escolarizados ou mais qualificados para o trabalho. De toda forma, ambas as condições convergem para uma única evidência: grandes centros urbano-industriais podem irradiar efeitos dinâmicos sobre as regiões periféricas a partir de um processo de desconcentração econômica e demográfica.

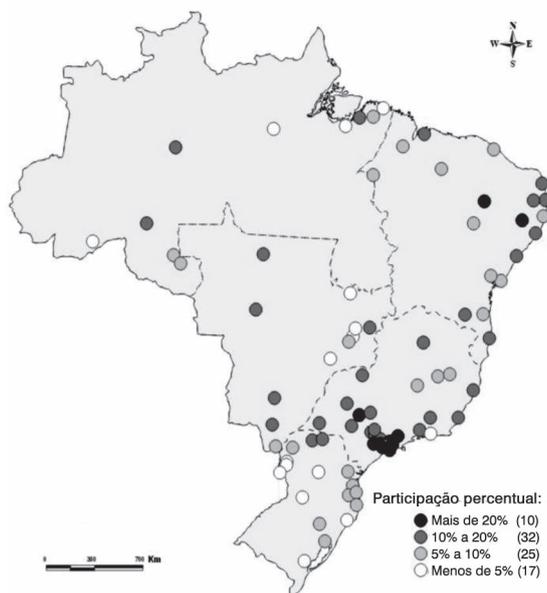
Os dados sobre escolaridade, não exibidos aqui, apontam para várias microrregiões nas quais os imigrantes procedentes de SP/RJ alocados na indústria distinguiam-se por deter mais de nove anos de estudo, a exemplo de Rio Branco, Salvador, Florianópolis, Manaus, Curitiba, São José dos Campos, Belém, Guamá e Maceió. No terciário, com mais de 10 anos de estudo, essa relação era bem maior (39 microrregiões).

Os dados espacializados no Mapa 8 permitem compreender melhor a contribuição desse tipo de migração nas microrregiões receptoras. Se se define o patamar de 10% como a participação a partir da qual é relevante a procedência de SP/RJ no total de imigrantes, verifica-se que essa evidência foi registrada em 42 das microrregiões, sendo que em dez delas essa participação ultrapassou os 30% e em 32 outras a participação situou-se entre 10% e 20%.

O processo de desconcentração populacional tem, sem dúvida, atingido primeiramente a rede de cidades do Sudeste, sob influência mais direta das duas grandes metrópoles, especialmente a fração da rede localizada no interior paulista, no entorno das conexões hidro-rodoviárias ao longo do Tietê-Paraná. Todavia, seus efeitos alcançam outras localidades centrais do país, espalhando-se por boa parte das microrregiões postadas na costa leste-nordeste do país, e por porções à oeste, próximas da fronteira com Argentina e Paraguai, nas regiões Sul e Centro-Oeste.

Resta averiguar em que setores, preferencialmente, se insere a força de trabalho procedente de SP/RJ. Os dados parecem sugerir que a desconcentração populacional obedece a duas lógicas distintas: uma atinente aos centros

MAPA 8
Participação no total dos imigrantes dos procedentes das microrregiões do Rio de Janeiro e de São Paulo
por micro regiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.

Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

prósperos de perfil industrial localizados no Sudeste/Sul e em áreas especiais do resto do país (como Manaus); outra circunscrita aos centros com perfil econômico baseado no terciário, localizados fora do eixo Sudeste, notadamente na franja costeira do Nordeste e em centros emergentes no interior do País, nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Talvez por essa razão se explicam as evidências derivadas da Tabela 4, indicando de forma clara uma certa especialização funcional dos fluxos de desconcentração no interior da rede de lugares. Os trabalhadores industriais procedentes de SP/RJ foram importantes

em pelo menos 29 microrregiões¹², a grande maioria delas localizadas no Sudeste. Já os ocupados no terciário, procedentes de SP/RJ, mostraram-se bastante numerosos¹³ em microrregiões fora do Sudeste. Uns e outros, portanto, parecem procurar regiões receptoras específicas não coincidentes.¹⁴

Com respeito a presença de qualificados e não-qualificados no interior desses fluxos, caberia explicitar em quais microrregiões, em que proporção e em que setores, são mais numerosos os qualificados, sabendo de antemão que os qualificados do setor terciário são mais numerosos que os da indústria.

¹² Onde as proporções da coluna total do secundário superam os 25%.

¹³ Com 27 casos de proporções superiores a 70% do total de imigrantes procedentes de SP/RJ.

¹⁴ As microrregiões onde os trabalhadores do terciário representavam no mínimo 70% dos imigrantes procedentes de SP/RJ eram: Florianópolis, Brasília, Foz do Iguaçu, Natal, Salvador, Belém, Aracaju, Recife, Rio de Janeiro, Rio Branco, Maceió, Campos dos Goytacazes, Cuiabá, João Pessoa, Teresina, Santos, Fortaleza, Vale do Paraíba Fluminense, Goiânia, Aglom. Urbana de São Luís, Itajaí, Pelotas, Vitória, São José do Rio Preto, Curitiba, Porto Velho e Governador Valadares.

TABELA 4
Imigrantes das microrregiões selecionadas procedentes das microrregiões do Rio de Janeiro e de São Paulo
segundo a inserção nos setores ocupacionais e qualificação

Microrregiões	Primário			Secundário			Terciário		
	Qualificado	Não- Qualificado	Total	Qualificado	Não- Qualificado	Total	Qualificado	Não- Qualificado	Total
	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Pelotas	41,1	58,9	12,9	62,4	37,6	15,8	82,0	18,0	71,3
Rio Branco	48,5	51,5	15,4	73,6	26,4	8,2	81,7	18,3	76,4
Florianópolis	89,3	10,7	3,5	85,6	14,4	12,4	79,9	20,1	84,1
Ribeirão Preto	53,9	46,1	6,3	70,8	29,2	24,1	77,3	22,7	69,6
Curitiba	61,1	38,9	3,4	72,9	27,1	26,2	76,7	23,3	70,5
Rio de Janeiro	68,0	32,0	1,9	84,7	15,3	21,6	76,2	23,8	76,5
Porto Alegre	53,3	46,7	2,4	73,9	26,1	29,8	75,8	24,2	67,7
Joinville	68,1	31,9	2,0	72,6	27,4	41,6	75,4	24,6	56,5
Itajaí	34,4	65,6	7,7	68,0	32,0	20,1	75,3	24,7	72,1
Juiz de Fora	59,5	40,5	5,2	79,3	20,7	26,6	75,2	24,8	68,3
Bauru	70,3	29,7	8,1	75,4	24,6	25,4	74,6	25,4	66,6
São José do Rio Preto	56,9	43,1	5,2	66,1	33,9	24,2	74,5	25,5	70,6
Campo Grande	42,6	57,4	14,7	56,0	44,0	15,8	74,1	25,9	69,5
São José dos Campos	56,3	43,7	3,3	77,9	22,1	35,2	74,1	25,9	61,4
Porangatu	41,0	59,0	39,3	70,8	29,2	11,4	74,0	26,0	49,3
Blumenau	40,8	59,2	3,3	78,0	22,0	49,8	73,5	26,5	46,9
Anápolis	48,3	51,7	13,1	60,0	40,0	28,7	72,8	27,2	58,2
Foz do Iguaçu	74,6	25,4	14,7	64,4	35,6	7,2	72,7	27,3	78,1
Araraquara	56,5	43,5	18,1	71,6	28,4	28,9	72,3	27,7	53,0
Guarapuava	56,3	43,7	20,9	78,9	21,1	28,9	71,9	28,1	50,2
Criciúma	68,7	31,3	12,8	57,8	42,2	28,9	71,0	29,0	58,2
Brasília	61,1	38,9	3,2	62,5	37,5	12,8	70,7	29,3	84,0
Caxias do Sul	70,9	29,1	10,9	73,5	26,5	44,7	70,6	29,4	44,4
Salvador	74,2	25,8	2,3	77,0	23,0	20,6	69,7	30,3	77,1
Campos dos Goytacazes	41,2	58,8	9,1	69,1	30,9	14,8	69,4	30,6	76,1
Campinas	54,1	45,9	3,4	66,8	33,2	38,7	69,3	30,7	57,9
Natal	70,3	29,7	4,9	62,3	37,7	17,7	68,7	31,3	77,4
Dourados	52,2	47,8	16,0	72,3	27,7	15,6	68,6	31,4	68,4
Uberlândia	60,2	39,8	12,8	61,8	38,2	22,6	68,2	31,8	64,6
Presidente Prudente	46,3	53,7	13,2	69,4	30,6	24,4	68,1	31,9	62,5
Recife	54,6	45,4	2,2	67,0	33,0	21,0	67,5	32,5	76,8
Cuiabá	46,9	53,1	7,4	60,1	39,9	17,4	67,3	32,7	75,2
Jundiaí	62,0	38,0	2,9	62,1	37,9	44,0	66,8	33,2	53,1
Limeira	44,4	55,6	13,0	65,3	34,7	35,3	66,3	33,7	51,8
Goiânia	52,2	47,8	5,9	60,4	39,6	21,2	66,3	33,7	72,8
Piracicaba	61,1	38,9	4,5	65,3	34,7	30,7	66,2	33,8	64,8
Ji-Paraná	43,3	56,7	40,7	45,2	54,8	15,3	66,1	33,9	43,9
Chapecó	54,9	45,1	34,3	73,4	26,6	25,8	66,1	33,9	39,9
Santos	37,3	62,7	1,9	69,4	30,6	23,3	66,0	34,0	74,8
Toledo	67,3	32,7	21,4	68,8	31,2	19,4	65,7	34,3	59,2
Vale do Paraíba Fluminense	40,1	59,9	6,8	78,3	21,7	20,3	65,4	34,6	72,9
Iguatemi	33,0	67,0	37,0	38,0	62,0	11,8	65,4	34,6	51,2
Sorocaba	55,0	45,0	6,3	71,4	28,6	40,4	65,3	34,7	53,3
Belo Horizonte	71,2	28,8	3,6	65,0	35,0	27,8	64,9	35,1	68,6
Guarulhos	50,4	49,6	2,6	64,1	35,9	40,8	64,2	35,8	56,7
Porto Velho	27,3	72,7	11,1	56,9	43,1	18,5	63,9	36,1	70,5
Osasco	53,9	46,1	1,9	65,5	34,5	37,9	63,9	36,1	60,2
Umuarama	43,8	56,2	34,2	57,6	42,4	13,2	63,6	36,4	52,6
Londrina	56,4	43,6	6,5	70,8	29,2	24,9	63,4	36,6	68,6
Manaus	30,3	69,7	6,8	71,5	28,5	31,3	63,3	36,7	62,0
João Pessoa	23,7	76,3	3,7	54,6	45,4	21,1	62,1	37,9	75,2
Imperatriz	19,7	80,3	31,0	41,7	58,3	18,0	62,1	37,9	51,0
Montes Claros	35,9	64,1	21,6	52,3	47,7	18,0	61,4	38,6	60,4
Colíder	26,7	73,3	59,1	59,3	40,7	6,3	61,3	38,7	34,6
São Paulo	51,3	48,7	1,6	59,5	40,5	33,6	61,3	38,7	64,8
Vitória	40,6	59,4	4,4	62,4	37,6	24,6	61,0	39,0	71,1
Fortaleza	35,9	64,1	2,8	60,3	39,7	23,3	60,8	39,2	73,8
Cascavel	65,3	34,7	17,7	51,6	48,4	20,5	60,6	39,4	61,8
Sudoeste de Goiás	34,4	65,6	27,9	63,1	36,9	18,7	60,5	39,5	53,4
Maringá	60,5	39,5	4,4	60,1	39,9	26,2	60,4	39,6	69,3
Ipatinga	72,7	27,3	7,3	53,5	46,5	35,9	60,2	39,8	56,8
Teresina	24,2	75,8	7,6	48,0	52,0	17,4	59,4	40,6	75,1
Maceió	23,9	76,1	7,8	60,0	40,0	15,9	58,6	41,4	76,3
Porto Seguro	31,4	68,6	21,8	55,0	45,0	18,0	58,0	42,0	60,2
Santarém	28,8	71,2	23,1	36,4	63,6	26,1	57,9	42,1	50,7

(continua)

(continuação)

Microrregiões	Primário			Secundário			Terciário		
	Qualificado	Não- Qualificado	Total	Qualificado	Não- Qualificado	Total	Qualificado	Não- Qualificado	Total
	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Cacoal	40,5	59,5	55,0	66,2	33,8	11,6	57,6	42,4	33,4
Itapeçerica da Serra	57,4	42,6	2,2	63,4	36,6	33,9	56,7	43,3	64,0
Ilhéus-Itabuna	19,6	80,4	20,8	47,4	52,6	13,0	56,0	44,0	66,2
Aracaju	54,6	45,4	6,9	52,7	47,3	16,2	55,5	44,5	76,9
Entorno de Brasília	30,0	70,0	11,0	48,8	51,2	22,1	55,3	44,7	66,9
Petrolina	15,9	84,1	27,4	45,5	54,5	21,3	55,0	45,0	51,3
Belém	27,4	72,6	5,0	48,5	51,5	17,9	53,9	46,1	77,1
Aglom. Urbana de São Luís	37,9	62,1	7,5	62,5	37,5	20,0	53,8	46,2	72,4
Mogi das Cruzes	52,2	47,8	3,2	54,2	45,8	48,1	53,0	47,0	48,7
Bragantina	8,6	91,4	46,1	71,9	28,1	10,4	52,4	47,6	43,5
Governador Valadares	45,0	55,0	11,2	47,5	52,5	18,5	51,1	48,9	70,3
Vitória da Conquista	30,9	69,1	12,3	39,8	60,2	21,5	48,1	51,9	66,2
Feira de Santana	29,2	70,8	17,0	60,6	39,4	22,6	47,4	52,6	60,4
Campina Grande	21,2	78,8	9,6	43,2	56,8	24,2	44,0	56,0	66,3
Cametá	39,5	60,5	14,1	60,7	39,3	20,8	42,9	57,1	65,1
Cariri	19,3	80,7	23,2	38,7	61,3	21,5	42,5	57,5	55,3
Vale do Ipojuca	19,7	80,3	20,8	38,7	61,3	25,2	40,8	59,2	54,0
Guamá	3,3	96,7	57,9	26,1	73,9	14,1	37,7	62,3	28,0
Pindaré	12,0	88,0	63,8	32,3	67,7	6,0	35,2	64,8	30,2

Fonte: IBGE – Microdados do Censo de 1991 – Laboratório de Estudos Territoriais (LESTE)

Notas: os % de qualificados e não qualificados em cada setor somam 100%. Os três percentuais relativos ao total em cada setor integram 100%.

Os dados tabulados permitiram concluir que em 31 microrregiões os migrantes qualificados procedentes de SP/RJ eram, no mínimo, duas vezes mais numerosos que os não-qualificados da mesma procedência. Em sua maioria são espaços de expressiva base industrial localizados no Sul e no Sudeste do país.

No caso do terciário as conclusões se assemelham às anteriores. Em 36 microrregiões os qualificados são, no mínimo, o dobro dos não-qualificados e a localização das microrregiões privilegia, principalmente, o Sudeste e o Sul do Brasil, embora algumas capitais do Nordeste e do Centro-Oeste também compareçam.¹⁵

Para finalizar esse estudo seria razoável tentar alguma incursão analítica sobre a provável contribuição da mão-de-obra qualificada dos imigrantes procedentes de SP/RJ para as micror-

regiões inseridas o processo de desconcentração demográfica no Brasil contemporâneo.¹⁶

A contribuição desses imigrantes pode ser mensurada por meio de algum indicador que seja sensível ao estoque de trabalhadores qualificados *vis-à-vis* os qualificados de outras procedências e, ainda, ao conjunto restante de imigrantes não-qualificados. A construção de um índice dessa natureza é útil para afinal responder mais claramente, mediante uma medida resumo de fácil leitura, a indagação sobre quais microrregiões têm recebido a contribuição mais efetiva dos emigrantes de SP/RJ.

Sendo **q** a proporção de imigrantes qualificados procedentes de SP/RJ em relação ao total de imigrantes da microrregião; **nq** a proporção de imigrantes não-qualificados procedentes de SP/RJ em

¹⁵ A relação, com as capitais sublinhadas, é a seguintes: Pelotas, Rio Branco, Florianópolis, Ribeirão Preto, Curitiba, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Joinville, Itajaí, Juiz de Fora, Bauru, São José do Rio Preto, Campo Grande, São José dos Campos, Porangatu, Blumenau, Anápolis, Foz do Iguaçu, Araraquara, Guarapuava, Criciúma, Brasília, Caxias do Sul, Salvador, Campos dos Goytacazes, Campinas, Natal, Dourados, Uberlândia, Presidente Prudente, Recife, Cuiabá.

¹⁶ Para restringir a análise estritamente às microrregiões de desconcentração há que se excluir as duas microrregiões de SP e RJ do rol dos resultados. Ambas aparecem nas tabelas aqui apresentadas exclusivamente para indicar o fluxo recíproco de uma para a outra.

relação ao total de imigrantes da microrregião; **k** a proporção de imigrantes não-qualificados não procedentes de SP/RJ em relação ao total de imigrantes da microrregião; **nk** a proporção de imigrantes qualificados não procedentes de SP/RJ em relação ao total de imigrantes da microrregião; após sucessivos testes com possíveis índices que poderiam expressar a contribuição quantitativa dos imigrantes procedentes de SP/RJ chegou-se ao índice de inserção dos qualificados **lq**, o mais adequado para exprimir pelo menos as seguintes condições:

1. Se a proporção de imigrantes residentes na microrregião procedentes de SP/RJ for muito pequena **lq** deve também se reduzir;
2. Se a proporção de imigrantes não-qualificados procedentes de SP/RJ for expressiva em relação aos imigrantes procedentes de SP/RJ, **lq** tende a diminuir;
3. Se a proporção de imigrantes qualificados procedentes de SP/RJ for muito expressiva e os não-qualificados forem inexpressivos, ainda que os procedentes SP/RJ não sejam muito numerosos em relação aos procedentes do resto do país, os resultados de **lq** tendem a aumentar;
4. Se a proporção de imigrantes não-qualificados procedentes de SP/RJ for muito expressiva e os qualificados forem inexpressivos, ainda que os procedentes SP/RJ sejam muito numerosos em relação aos procedentes do resto do país, os resultados de **lq** tendem a diminuir;
5. Quanto maior o valor da relação entre o total de **nq** e **nk** e o total de **q** e **k** menor o **lq**.

Então:

$$lq = \frac{q}{(nq + nk) / (q+k)}$$

Os resultados calculados de **lq** foram convertidos para valores entre 0 e 1, a fim de facilitar o mapeamento e leitura final. Quanto maior for **lq** maior será a relevância qualitativa e quantitativa dos imigrantes qualificados procedentes de SP/RJ na microrregião.

O Mapa 9 espacializa os resultados finais e indica que, em 45 das 82 microrregiões selecionadas (excluídas as de São Paulo e do Rio de Janeiro), a inserção dos qualificados procedentes SP/RJ no conjunto dos imigrantes do período 1981/91 foi importante. Ainda que nesses fluxos existam migrantes de retorno, reemigrantes, e naturais das microrregiões de SP/RJ, sobre todos os aspectos trata-se de um fluxo em que o nível de qualificação e a escolaridade dos trabalhadores é bem superior ao dos demais migrantes, condição que pode ter sido adquirida nas grandes metrópoles.

Em 17 microrregiões o **lq** varia entre 0,4 e 1,0: duas delas situam-se no Centro-Oeste (Cuiabá e Campo Grande), uma no Sul (Florianópolis) e 14 delas no Sudeste, sendo uma em Minas Gerais (Juiz de Fora), duas no Rio de Janeiro (Campos dos Goytacazes e Vale do Paraíba Fluminense), e as 11 restantes no estado de São Paulo – Guarulhos, São José dos Campos, Itapeverica da Serra, Mogi das Cruzes, Osasco, Ribeirão Preto, Bauru, Santos, Campinas, Araraquara e São José do Rio Preto.

Além destas, 26 outras microrregiões se destacaram ao exibir **lq** com valores significativos (variando entre 0,20 e 0,40). São elas, em ordem decrescente de **lq**: Sorocaba, Piracicaba, Presidente Prudente, Manaus, Limeira, Vitória, Londrina, Uberlândia, Jundiá, Dourados, Natal, Caxias do Sul, Itajaí, Blumenau, Porto Velho, Curitiba, Brasília, Recife, Aglom.Urbana de São Luís, Montes Claros, Aracaju, Porto Alegre, Campina Grande, Maringá, Belém e Joinville. Observe-se que as microrregiões do estado de São Paulo nessa relação são apenas cinco (em itálico), sendo as demais localizadas em diversas regiões, inclusive, cinco delas no Nordeste.

MAPA 9
Índice de inserção da mão-de-obra qualificada dos imigrantes procedentes das microrregiões do Rio de Janeiro e de São Paulo na população imigrante das microrregiões selecionadas



Fonte: IBGE, LESTE.

Organização e produção: MATOS, Ralfo & NUNES, Rodrigo.

Em face dos resultados mapeados, pode-se concluir que o processo de desconcentração da população brasileira a partir das grandes metrópoles de São Paulo e do Rio de Janeiro deixou, nos anos 80, efeitos notáveis em, pelo menos, um conjunto de 40 microrregiões que sediavam cidades secundárias de expressão na rede de localidades centrais do Brasil contemporâneo. De um lado, pode-se agrupá-las em um arranjo que se dissolve pelo interior e litoral do estado de São Paulo (envolvendo 17 microrregiões), conectando-se com o Sul por meio de sete microrregiões e com o Centro-Oeste por meio, principalmente, de quatro microrregiões. De outro, observando outras dimensões da rede de localidades, pode-se visualizar as microrregiões do litoral do resto do Sudeste, prosseguindo em articulação com localidades da faixa litorânea nordestina por meio de mais nove microrregiões.

Síntese e conclusões

As 84 microrregiões geográficas aqui trabalhadas contemplam a maioria dos pontos importantes da rede de localidades centrais do Brasil contemporâneo, reunindo o equivalente a mais de 50% da população brasileira de 1991. Os diferenciais entre não-migrantes e imigrantes em termos de inserção nos setores econômicos são, em muitos casos, bastante expressivos e se explicam por vários aspectos, como os que se referem à seletividade que a condição migrante possui e a geografia econômica das localidades.

Os não-migrantes qualificados se destacam, sobretudo, na Região Sul. Em segundo lugar, destacam-se em todas as microrregiões do estado de São Paulo, do Rio de Janeiro, no litoral nordestino, e boa parte do Centro Oeste e do Norte. Ainda, os não-qualificados predominam em 24

microrregiões, localizadas, em sua maioria, no Nordeste, no Norte e no Centro Oeste.

Os imigrantes qualificados também prevalecem no Sul e Sudeste, sendo que no Nordeste, no Norte e no Centro-Oeste há um número maior de microrregiões com forte presença de não-qualificados. Os resultados sugerem que parte dos imigrantes de retorno do Nordeste devem ser trabalhadores não-qualificados que regressaram após tentativa fracassada de fixação no “Centro-Sul”.

A indústria e o terciário do Sul e do Sudeste são mais dinâmicos e empregam muito mais trabalhadores qualificados do que as demais Grandes Regiões, onde diminui o peso dos qualificados. Os imigrantes do setor secundário, mais que os do terciário, foram os principais responsáveis pela ampliação do número de trabalhadores qualificados nos mercados de trabalho do Sudeste e do Sul. Isto é algo sensivelmente distinto do que ocorre com os não-migrantes.

De toda forma, comprovou-se a tese de que a contribuição dos trabalhadores migrantes é significativamente positiva em segmentos do mercado de trabalho de importantes áreas da rede urbana brasileira, áreas que vêm participando do recente processo de desconcentração econômica e demográfica. Contudo, essa contribuição, medida por meio da presença de trabalhadores qualificados, é mais evidente quando o setor em foco passa a ser o secundário.

A análise dos fluxos migratórios procedente de São Paulo e do Rio de Janeiro (SP/RJ) constatou que a contribuição desses migrantes influiu positivamente no mercado de trabalho das áreas receptoras. Afinal, foram 42 as microrregiões em que tais fluxos mostraram-se importantes (mais de 10% de imigrantes).

Os dados sugerem que a desconcentração populacional obedece a duas

lógicas, considerando a força de trabalho em movimento: a) uma atinente aos centros prósperos de perfil industrial localizados no Sudeste, no Sul e em áreas especiais do resto do país (como Manaus); b) outra circunscrita aos centros com perfil econômico baseado no terciário, localizados fora do eixo Sudeste, notadamente na franja costeira do Nordeste e em centros emergentes no interior do País, nas regiões Norte e Centro-Oeste. Os trabalhadores industriais procedentes de SP/RJ foram mais importantes no Sudeste, enquanto os ocupados no terciário mostraram-se mais numerosos em microrregiões fora do Sudeste.

A emigração resultante do processo de desconcentração deixou, nos anos 80, efeitos notáveis em um conjunto de pelo menos 40 microrregiões, áreas que sediavam importantes cidades em processo de expansão econômica e demográfica. Tal processo atingiu, em primeiro lugar, a rede de cidades do Sudeste sob influência mais direta das duas grandes metrópoles – especialmente a parte localizada no interior paulista, no entorno das conexões hidro-rodoviárias ao longo do Tietê-Paraná, mas vem atingindo também outras localidades centrais do país, espalhando-se por boa parte das microrregiões postadas na costa leste-nordeste do país, e por áreas a oeste, próximas da fronteira com Argentina e Paraguai, nas regiões Sul e Centro-Oeste.

Finalmente, convém sublinhar que a utilização da microrregião como categoria de análise facilitou a visualização dos movimentos migratórios mais decisivos do país, maximizando as conclusões sobre tendências, volumes e a espacialidade transregional dos lugares de recepção e emissão de população, o que deixa clara a necessidade de continuar os estudos nessa direção, aplicando metodologias similares, de modo a permitir possíveis comparações com os resultados aqui alcançados.

Referências bibliográficas

ANDRADE, T.A. e LODDER, C.A. **Sistema urbano e cidades média no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

AMARANTE, Luis A. e BONDIOLI, Paulo. A apropriação regional da renda nacional no Brasil; 1975-85. **São Paulo em Perspectiva**, Revista da fundação SEADE, São Paulo, v.1, n.3, out/dez, 1987.

AZZONI, Carlos R. **Indústria e reversão da polarização no Brasil**. São Paulo: IPE/USP, 1986.

BAENINGER, Rosana. Homogeneização de tendências populacionais em São Paulo: o papel dos Pólos Regionais no processo de urbanização e de redistribuição espacial da população. In: **Anais do IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, 9, Caxambú, 1994, p.473-498.

CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil;1930-1970**. Rio de Janeiro: Global, 1985.

CASTRO, A. Barros de. A industrialização descentralizada no Brasil. In: **7 ensaios sobre a economia brasileira**. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

CNDU/MDU. **Evolução da rede urbana do Brasil período 1970-1980**. Brasília, 1985.

CHRISTALLER, W. **Die Zentralen Orte in Süddeutschland**, Iena, Gustav Fischer, 1933 (tradução americana de C.W. Baskin): **Central Place in Southern Germany**, N. Jersey, Prentice-Hall, 1966.

DINIZ, C.C. Desenvolvimento poligonal no Brasil; nem desconcentração, nem contínua polarização. **Nova Economia** (Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG - Belo Horizonte, V.31, N.11, Set. 1993, p. 35-64..

DINIZ, CC. e CROCCO. Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. **Nova Economia**, vol.6, nº 1, Belo Horizonte, 1996.

GOLDSTEIN, Sidney. Facets of redistribution; reseach challenges and opportunities. **Demography**, vol.13, nº 4, Washington, nov. 1976.

FARIA, Vilmar. Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos. In: SORJ, B., ALMEIDA, M. (Orgs.). **Sociedade e política no Brasil pós-64**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FARIA, Vilmar. O sistema urbano brasileiro; um resumo das características e tendências recentes. **Estudos CEBRAP**, , n.18, São Paulo, 1976, p. 91-115.

FRANCISCONE, J.G. e SOUZA, M.A.A. **A política nacional de desenvolvimento urbano; estudos e proposições alternativas**. Brasília: IPEA/ILAN, 1976.

HADDAD, Paulo. **Economia regional; teorias e métodos de análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1989.

HIRSCHMAN, A.O. **The strategy of economic development**. New Haven: Conn. Yale University Press, 1958, 217p.

IBGE (FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). **Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas**. Rio de Janeiro, 1972.

IBGE. **Regiões de influência das cidades**. Rio de Janeiro (co-patrocínio do Ministério da Habitação e Urbanismo), 1987.

IBGE. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro, 1992.

IPEA. **Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil**. Relatório Final, Brasília,1999

MARTINE, G. et al. A urbanização no Brasil: retrospectiva, componentes e perspectivas. In: PARA a década de 90; prioridades e perspectivas de políticas públicas. Brasília: IPEA/IPLAM, 1990.

MARTINE, G. **Adaptação de migrantes ou sobrevivência dos mais fortes?** Brasília, PNUD, 1976. In: MOURA, A.M. ed., Migração interna; textos selecionados, Fortaleza, 1980.

MARTINE, G., DINIZ, C.C. **Economic and demographic concentration in Brazil: recent inversion of historical patterns.** Liege: IUSSP, 1989, mimeo.

MATOS, R.E.S. **Dinâmica migratória e desconcentração da população na macrorregião de Belo Horizonte.** Belo Horizonte: CEDEPLAR (tese de doutorado), 1995.

_____. Questões teóricas acerca dos processos de concentração e desconcentração da população no espaço. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais.** São Paulo, 1995, p. 35-58.

_____. Desconcentração espacial e processos de exclusão da população migrante em Belo Horizonte. **Geografia,** v. 21, n.1, Rio Claro, 1996, p. 153-173. .

_____. Seletividade de migrantes pela procedência e fatores explicativos: o caso de Belo Horizonte. X **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais,** Caxambú.... 1996, p.1033-1052.

_____. Fluxos migratórios e desconcentração espacial no Brasil; os números, os lugares e as populações. (relatório de pesquisa/CNPq), Belo Horizonte, 2001.

MYRDAL, Gunnar. **Economic theory and under-developed regions.** London: Gerald Duckworth, 1957, 167p.

NEGRI, Barjas. **Concentração e descon-**

centração industrial em São Paulo (1880-1990). Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1996.

REDWOOD III, John. Reversion de polarización, ciudades secundarias y eficiencia en el desarrollo nacional: una vision teorica aplicada al Brasil contemporaneo. **Revista Iatinoamericana de estudios urbanos regionales,** v. 11, n.32, Santiago, dez. 1984.

RICHARDSON, Harry W. Polarization reversal in developing countries. **The Regional Science Association Papers,** v. 45, Los Angeles, nov. 1980.

RIGOTTI, J.I. **Fluxos migratórios e distribuição espacial da população na região metropolitana de Belo Horizonte - década de 70.** Belo Horizonte, Dissertação (mestrado). CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1994, 109 p.

SERRA, R.V. Desconcentração urbana e oportunidades de trabalho: um estudo da integração dos imigrantes no mercado de trabalho das cidades médias. In: **CNPQ - I e II Concurso Nacional de Monografias sobre População e Desenvolvimento,** Brasília, 1999.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: **Economia Política da Urbanização.** São Paulo: Brasiliense, 1976.

TOWNROE, P. M. e KEEN, D. Polarization reversal in the state of São Paulo. **Regional Studies,** v. 18, 1984, p. 45-54.

Abstract

This article examines the occupational insertion of migrants and non-migrants into the labor market in Brazilian urban areas, using empirical evidence from the demographic census. Data on the recent urbanization of Brazil and regional inequality are focused on, in terms of economic decentralization vis-à-vis the process of populational deconcentration. Adding to the debate, this study analyzes the qualification of occupied workers in 1991, in an attempt to test two hypotheses: a) migrants, overall, have a positive influence on sectors of the labor market in important regions that have taken part in the very recent process of spatial deconcentration; b) migrants from São Paulo and Rio de Janeiro have more experience for urban jobs and are better educated than other migrant workers, serving as a vector for dynamizing the labor market in the cities.

Enviado para publicação em 13/9/2002.